

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular** de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

187. PRECIOSO RELATO HOLANDÊS SOBRE O BRASIL

A maior parte dos relatos holandeses da época em que ocuparam boa parte do Brasil no século XVII refere-se ao que se costuma denominar de “segunda invasão”, ou seja a que se realizou em Pernambuco, a partir de 1630. Da “primeira invasão”, ocorrida na Bahia, em 1624, poucos textos existem e um destes poucos é o de João Gregório Aldenburgk, que se intitula **Relação da conquista e perda da cidade do Salvador** e foi publicado em Coburgo, em 1627. Coburgo era, aliás, sua terra natal.

Nascido em data impossível de ser precisada, iniciou Aldenburgk estudos na Universidade de Iena, não chegando a concluí-los, pois, dando asas ao seu espírito aventureiro, preferiu alistar-se numa expedição organizada na Holanda em 1623 para atacar o Brasil, o que efetivamente ocorreu em maio do ano seguinte. Ocupada a cidade do Salvador, então capital do Brasil, nela permaneceu Aldenburgk todo o tempo da ocupação, participando de diversas expedições militares e predatórias levadas a efeito no Recôncavo, que ele descreve minuciosamente em seu livro. Inteligente e observador, não se limitou aos aspectos militares da expedição, mas apresenta-nos quadros descritivos, naturais e humanos da vida da região que percorreu. Retornando à Europa com a expulsão dos holandeses da capital brasileira, Aldenburgk incorporou-se às fileiras de Cristiano IV, da Dinamarca, na Guerra dos Trinta Anos; mas, nelas só permaneceu por quatro meses, preferindo voltar à cidade natal, onde fez imprimir sua narrativa da expedição bélica ao Brasil.

Seu relato obteve grande repercussão, a ponto de merecer inclusão em diversas coleções de viagens organizadas e publicadas na Alemanha no século XVII, o que contribuiu bastante para a sua divulgação. Dele se fez uma tradução latina, publicada em 1634. Em nosso século,

mereceu nova edição, publicada em Haia, em 1930. Para o nosso idioma, o relato de Aldenburgk foi traduzido e publicado parcialmente em 1938 por Dom Clemente da Silva Nigra OSB, no volume 26 dos "Anais do Arquivo Público da Bahia". Todavia, desde 1913 existia uma tradução integral do famoso texto, feita por Alfredo de Carvalho, mas que permanecera inédita. Esta tradução, revista por Agripino Martins, só veio a público em 1961, editada por Edgard de Cerqueira Falcão, na preciosa coleção "Brasiliensia Documenta". Esta edição do ilustre e saudosos historiador baiano (radicado em Santos), contém a reprodução facsimilar da edição original de 1627, além do magnífico estudo introdutório sobre o autor e a obra. Enfim, uma edição feita com o excepcional cuidado que já nos habituamos a ver nas realizações de Cerqueira Falcão. 24-8-1988.

*

188. RASTREANDO O PASSADO DE OURO FINO

A cortesia do prezado amigo e confrade Maurício de Moraes propiciou-me a oportunidade de rastrear, por alguns instantes, o passado de sua Ouro Fino. Fê-lo através de um livro singelo, despretencioso, mas de leitura agradável, no qual a erudição histórica devidamente fundamentada campeia com a leveza do estilo e não raro do pitoresco sem o qual ficaria falho o estudo do cotidiano de qualquer cidade. Refiro-me à **História de Ouro Fino**, de Pompeu Rossi. O livro não só não é novo (data já de 1981), como, ainda, constitui publicação póstuma, visto seu autor ter falecido dez anos antes. Da edição cuidou zelosamente um filho do autor, João Batista Prado Rossi. Apressou-se o autor em informar que o fato de não ser natural de Ouro Fino (era paulista de Serra Negra) não o impediu de "sentir" a cidade mineira, pois nela viveu praticamente a vida toda. E para mim, a maior identificação que alguém possa demonstrar com uma cidade é interessar-se pela sua história. E foi o que fez bem o ouro-finense de Serra Negra.

Parte realmente significativa do livro é a que trata de Francisco Martins Lustosa, o fundador de Ouro Fino. Curiosa personalidade, "ponteadas incidentes maiores e menores", de altos e baixos e de contradições as mais diversas! Vida, por assim dizer, cinematográfica! Após as aventuras no Sapucaí, internou-se no atual Estado do Paraná, foi presidente da Câmara de Curitiba (o "ponto mais alto que alcançou", segundo o autor) e depois arriscou-se a expedições de reconhecimento no vale do Tibagi, antecipando de mais de cinquenta anos as andanças de Lopes e Elliot, que os paranaenses tanto prezam. E em Curitiba, faleceu aos no-

venta anos. No entanto, não sei de nenhum autor paranaense (a não ser levemente Francisco Negrão) que tenha tratado dessa fase paranaense do fundador de Ouro Fino. Mesmo a parte mineira de sua vida é pouco lembrada. E só o fator de o autor da **História de Ouro Fino** haver “resgatado” a figura curiosa do fundador de sua cidade, já constitui motivo de regozijo para quem ler seu livro. Pelo menos, há nele algo de original, que não seja mera repetição do que outros escreveram. Com razão, Pompeu Rossi julgou que Lustosa “pode figurar, sem deslustre, na lista dos mais destacados sertanistas”.

Dois outros temas chamam a atenção em seu livro: as divisas São Paulo/ Minas e o desmembramento religioso da antiga Ouro Fino; este, para a história do povoamento mineiro constitui capítulo fundamental.

Leitor menos avisado poderá estranhar a ausência de Aureliano Leite entre os grandes filhos de Ouro Fino. A explicação vem no adendo. Quando o livro foi escrito Aureliano ainda vivia e o autor quis referir-se apenas aos já falecidos, começando por Bueno Brandão, que chegou à presidência do Estado de Minas. Aliás, a capa do livro, bastante sugestiva, mostra-nos a igreja matriz de São Francisco de Paula e, na praça fronteira, a estátua de seu mais ilustre filho. “Registro”, “gente”, “lendas”, as três opções que o autor quis salientar (no próprio título) alternam-se de maneira agradável, sem cansar o leitor. 21-9-1988.

*

189. GENERAL OSÓRIO, 1864

Há pouco mais de um mês, faleceu em São Paulo uma das maiores figuras do protestantismo brasileiro: o reverendo José Borges dos Santos Júnior. É nome muito ligado a Campinas, pois aqui viveu muitos anos. Coursou o Seminário Presbiteriano, foi pastor, por longo tempo, da Igreja Presbiteriana, então localizada à rua Bernardino de Campos esquina da antiga rua 24 de Fevereiro (denominada posteriormente Dr. Ernesto Kuhlmann) e lecionou em diversos estabelecimentos de ensino da cidade. Retirando-se para a Capital, aí pastoreou, também por longos anos, a mais importante igreja de sua denominação, a chamada “Igreja Presbiteriana Unida”, situada à rua Helvécia. Grande teólogo e principalmente grande orador – certamente dos maiores da bela tradição oratória do protestantismo – o nome de José Borges dos Santos Júnior extrapolou de muito o ambiente de sua comunidade eclesíastica. Tornou-se reconhecidamente grande autoridade nos domínios da educação, o que o levou a integrar, por

muito tempo, o Conselho Nacional de Educação, transformado atualmente em Conselho Federal de Educação.

Conheci-o há precisamente 55 anos. Residia em Juiz de Fora, mas encontrava-me na cidade de Bauru, em gozo de férias, e na mesma cidade Borges também se encontrava a convite da Igreja Presbiteriana local para uma série de conferências religiosas. Como, ao regressar para Juiz de Fora, pretendesse passar uns dias em Campinas, pús-me à disposição do ilustre pastor para o caso de desejar algum recado para sua família, então, aqui residente. Deu-me seu endereço e pediu-me que simplesmente desse notícias suas à sua esposa. E eu o fiz. Lembro-me de sua residência: uma pequena casa, ainda existente (embora modificada) à rua General Osório, bem rente ao atual supermercado Pão de Açúcar. Ao dar-me o endereço, fez questão de esclarecer: número 1864, precisamente o ano em que começou a guerra do General Osório... Fiquei com este detalhe na mente e nunca o esqueci.

Muitos anos depois, em São Paulo, tive o privilégio de com ele privar mais ameadadamente, ao tempo do Instituto de Cultura Religiosa, fundado por Miguel Rizzo Júnior, outra grande figura do protestantismo brasileiro e, tal como Borges, também muito vinculado a Campinas. Ao tempo em que integrei a Comissão de Nomenclatura de Vias Públicas da cidade, tive oportunidade de propor o nome de Miguel Rizzo Júnior para uma das ruas de Campinas. Aprovada a proposta, lá se encontra o nome do ilustre pastor numa via pública do chamado "Jardim Pacaembu". Estivesse ainda na Comissão (aliás, nem sei se ela ainda existe...) faria idêntica proposta com relação a José Borges dos Santos Júnior, a grande figura que vem de falecer, deixando belíssima folha de serviços à causa da religião e da educação. E bastante vinculado à nossa cidade, como foi dito. Mas, aqui fica a sugestão para quem tiver condições de encaminhá-la. 28-9-1988.

190. PEDRO SANCHES E POÇOS DE CALDAS

Quando, menino ainda, fui pela primeira vez a Poços de Caldas, chamou-me a atenção a freqüência com que Pedro Sanches era homenageado na cidade. Para começar, o modesto hotel em que nos hospedamos ficava na rua desse nome. Saindo da estação, era a primeira travessa da rua Junqueiras. Alguns anos depois seu nome foi trocado pelo de Francisco Faria Lobato, pela simples razão de já existir na cidade outro logradouro com o nome de Pedro Sanches. E este outro não era senão o grande parque que alcancei ainda em construção e que veio a se tornar um dos mais belos jardins do Brasil. Nele, estavam em obras os grandes palácios do Palace Hotel, do Cassino e das novas Termas. Bem em frente ao velho balneário, demoli-

do com o novo estabelecimento termal, havia o busto de Pedro Sanches, com as palavras "Ciência e Bondade". Até em estabelecimentos comerciais seu nome aparecia. Lembro-me de uma farmácia e de um instituto de beleza certamente assim denominados para facilidade de indicação, pois ambos ficavam na Praça Pedro Sanches. O instituto ainda existe, com o mesmo nome, embora noutra local.

Não foi difícil à minha curiosidade de garoto saber quem havia sido Pedro Sanches, médico ilustre que viveu muitos anos em Poços, analisando e descrevendo suas águas termais. Mais ainda: segundo me contou outro médico ilustre, amigo de minha família, foi Pedro Sanches a maior figura da história de Poços de Caldas. Daí, as grandes homenagens que lhe foram tributadas, com seu nome em dois logradouros e ainda seu busto como que olhando para as termas pelas quais ele tanto fez.

Entretanto, pouco se sabe de sua vida anterior a Poços de Caldas, discordando as informações quanto a fatos importantes de sua biografia. Sacramento Blake e Lycurgo de Castro Santos Filho dão-no como nascido em São Gonçalo e formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1872. Já outro autor que escreveu sobre médicos mineiros dá-o como nascido em Caldas e diplomado em 1886, ou seja com quatorze anos de diferença das outras fontes, o que não faz sentido, pois em 1873 (ano seguinte ao de sua formatura) já se encontrava clinicando em Poços, onde viveu até o seu falecimento. Esta indicação (da data de sua fixação em Poços) encontra-se no próprio livro que publicou em 1884 sobre as águas termais da localidade. Deste importante livro, de alto interesse histórico e científico (sobretudo crenológico), fez-se uma reedição, ampliada, em 1904, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. É a edição que me foi dado conhecer, graças a gentileza do dr. Leibnitz Tavares Hovelacque, ilustre advogado e jornalista e meu querido amigo de Poços de Caldas. O livro sugere muita coisa e vai me proporcionar novos "rabiscos" sobre Poços e seu grande médico. (12-10-1988)

*

191. RECENTE LIVRO DE HONÓRIO DE SYLOS

O jornalista sempre me pareceu uma das pessoas mais indicadas para escrever memórias. A própria natureza de seu trabalho, lidando diuturnamente com o cotidiano, o predispõe a essa tarefa. Nem todos, contudo, assim o entendem. Tanto que é rara a presença de jornalistas em nossa memorialística. Honório de Sylos, meu querido amigo e confrade da Academia Paulista de Letras, tem tudo para nos dar uma obra marcante no gêne-

ro. É provável que ainda o faça. Por ora, preferiu dar-nos um livro apenas de “relembrações jornalísticas” (*Gente & Fatos*, São Paulo, Ibrasa, 1988).

O “apenas”, aqui, não é depreciativo e nem visa a diminuir o mérito de seu trabalho. Diria, ao contrário, que o livro tem muito mais do que o título promete. Por exemplo: quem, vendo-o com o subtítulo “Relembrações jornalísticas”, imaginaria nele encontrar um dos mais bem elaborados estudos sobre o domínio espanhol em São Paulo? Ou sobre o Conde de Parnaíba? Significa isto que, ao lado de evocações de sua “memória” (as páginas sobre Júlio Prestes, Rodrigues de Abreu, a revolução constitucionalista ou os vinte tópicos que constituem a última seção do livro), fez Honório de Sylos história e muito boa história, inclusive com um sentido revisionista em muitos dos temas abordados (Euclides e Washington Luís, entre outros). É preciso não esquecer, aliás, que o autor já tem um lugar assegurado na historiografia paulista, desde que publicou, há mais de dez anos, *São Paulo e seus caminhos*. Diria até desde antes, pois data de 1933 seu livro sobre a revolução constitucionalista (*Itararé! Itararé!*), considerado com justiça um dos melhores dentre as centenas que apareceram sobre o movimento de 1932.

Ao longo de tudo quanto escreve (e não teria oportunidade, nesta pequena nota, de salientar os “hits” de seu recente livro), um traço significativo ressalta logo à primeira vista: o seu paulistanismo. Não estreito e mesquinho, como às vezes sói ocorrer, mas sensato e bem fundamentado. Diria mesmo ser Honório de Sylos um dos baluartes deste paulistanismo, numa época em que ele anda tão diluído, aviltado e corrompido, quase inexistente.

Escrevendo de certa feita sobre o orgulho que os paranaenses têm de seu Estado — o “paranismo”, que nossos vizinhos tanto proclamam — disse que seria muito bom se os paulistas fossem tão “paulísticos” (perdoem-me o neologismo) como os paranaenses são “paranistas”... Pois bem: vejo em Honório de Sylos um legítimo “paulístico” (e não apenas “paulista”, pois este é todo o que nasce em nosso Estado e nem todos o são de coração), que põe o interesse e a defesa de São Paulo acima de tudo. Sem obnubilação e sem miopia. Livro que merece ser lido e divulgado. 7-12-1988.